



Paulo Maluf defendeu a moratória, mas prefere chamá-la de “renegociação”

Maluf promete jogo em hotéis e fim de monopólio na aviação

BRASÍLIA — O candidato do PDS a presidente da República, Paulo Maluf, garantiu que, se eleito, permitirá casinos em hotéis de cinco estrelas e acabará com o monopólio da Varig nas linhas Internacionais do Brasil. Maluf acha que o Brasil poderá receber mais de 4 quatro milhões de turistas estrangeiros anualmente, contra pouco mais de 1 milhão registrados hoje, se o país for aberto aos vôos *charters*, que reduzem as tarifas dos vôos internacionais pela metade. “Sou um homem polêmico e vou fazer uma afirmação-bomba: A Varig é dona do Brasil, como a Aerolíneas Argentinas é dona da Argentina. Precisamos permitir que um *charter* da Lufthansa chegue ao Recife e não seja abatido a tiros”, afirmou.

Durante mais de três horas, Paulo Maluf participou de um debate na Câmara dos Deputados com economistas e jornalistas, promovido pela Universidade de Brasília e Conselho Federal de Economia, sobre as propostas econômicas do candidato. Ele disse que o país precisa investir em turismo, principalmente no Nordeste. “O Brasil, no fundo, vende o sol”, disse Maluf, acrescentando que a sua proposta para o setor turismo engloba a reabertura do jogo. “Por que o turista brasileiro tem que jogar em Aruba e não em Fernando de Noronha?”, indagou o candidato.

Maluf defendeu a moratória da dívida externa (resguardando os interesses das instituições multilaterais), embora se recusasse a usar a palavra, que ele substituiu por “renegociação”. Prometeu que, se eleito, o país pagará seus compromissos externos, mas num “valor justo” entre o valor original contratado e o que a dívida vale hoje no mercado secundário. “Não podemos repetir o atual governo, que fez uma moratória e depois deu tudo aos banqueiros credores”, afirmou Paulo Maluf, que criticou a atual equipe governamental pelo fato de insistir no pagamento da dívida pelo valor dos títulos, sem considerar o deságio. “O Brasil mostrou que é inexperiente em concordatas”, acrescentou.

Autonomia — O candidato do PDS admitiu que, na política interna, “é difícil eliminar alguns subsídios”, como os incentivos nas áreas da Sudene e Sudam, mas ressaltou que os benefícios fiscais precisam passar por uma revisão, pois “há um problema administrativo”. Defendeu uma completa autonomia do Banco Central, pois “o seu presidente deve ser responsável pela política monetária e não pela política partidária”. Maluf salientou que tão logo seja empossado, tratará de enviar uma mensagem ao Congresso dando independência absoluta ao BC e recomendando um mandato para o seu presidente de quatro ou seis anos, “para não coincidir com o período do presidente da República”.

Maluf é favorável à manutenção do Proalcool nos níveis atuais e apóia um programa de reforma agrária que tenha como prioridade assentar agricultores em terras improdutivas do próprio governo. Ele repudiou a ingerência estrangeira na Amazônia e acredita que o Brasil terá que enfrentar um programa de privatização para redução do déficit público. Maluf, entretanto, acha que não pode existir uma guerra contra as estatais, e salientou que algumas são bem administradas, como o Banco do Brasil.

No entendimento do candidato do PDS, o câmbio pode ser unificado e liberado, uns três ou quatro meses depois do início do governo, “quando o *spread* entre o oficial e o paralelo cair para uns 30%”. Ele também sugere a autorização para depósitos em moedas estrangeiras nos bancos do Brasil, desde que o depositante esteja legal frente ao Imposto de Renda.

Maluf também disse que o sistema financeiro deve manter os contornos atuais, ou seja, com predominância das instituições nacionais, resguardando-se os direitos já conquistados pelas instituições estrangeiras. O candidato é contra a reserva de mercado na área de informática, mas garantiu que, se eleito, recriará o Ministério da Ciência e Tecnologia, pois o país precisa investir em pesquisa aplicada.